

KATE JACOBS

AMOR & GULOSEIMAS

Tradução de Isabel Alves

o pão nosso de cada dia

FEVEREIRO DE 2006

Gus Simpson adorava bolos de aniversário.

Chocolate, coco, limão, morango, baunilha – nutria uma afeição especial pelos clássicos. Embora fizesse experiências com novos sabores e coberturas, humedecendo-as com caldas e dispondo pétalas de hibisco artisticamente, a maior parte das vezes Gus optava pela via tradicional, aplicando flores com o bico de pasteleiro ou polvilhando a superfície glaceada com granulado colorido. É que ela sabia que os bolos de aniversário estavam imbuídos de nostalgia, exigiam uma busca interior, usando os sentidos para recordar um momento perfeito da infância.

Ao fim de doze anos como apresentadora no CookingChannel – e com três programas de sucesso –, Gus confeccionara muitas sobremesas nas cozinhas dos estúdios, desde a sua *mousse* cremosa de chocolate branco ao seu delicioso bolo de pêssego, passando pela sua torta de maçã e caramelo e pela sua decadente tarte de noz-pecã e bourbon. «Cozinheira doméstica», sem treino culinário formal, procurava ser calorosa e elegante sem cair na simplicidade excessiva: esforçava-se para que os seus pratos transmitissem uma sensação de plenitude sem serem complicados.

No entanto, um bolo de aniversário era algo de completamente diferente: uma doce fatia alimentava a alma tanto como o estômago. E Gus comprazia-se nesse triunfo perfeito.

Dava-lhe tanto prazer festejar que organizava festas de aniversário para as filhas adultas, Aimee e Sabrina, para a vizinha e grande amiga, Hannah, para o seu produtor executivo (e vice-presidente do CookingChannel), Porter, e para a sua assistente de culinária de longa data, que se reformara recentemente e fora viver para a Califórnia.

Mas Gus não se ficava por aqui. Organizava sempre uma grande festança pelo aniversário do país, o que não era assim tão estranho para um americano, e pelo 25 de Dezembro, o que mais uma vez não era assim tão estranho para alguém criado numa família de católicos. Depois, festejava ainda com pompa e circunstância o São Valentim e o São Patrício, Lincoln, Julia Child (génio da culinária; 15 de Agosto), Henry Fowle Durant (fundador da sua universidade, Wellesley; 22 de Fevereiro) e Isabella Mary Beeton (autora do famoso *Mrs. Beeton's Book of Household Management*; 12 de Março). Pouco importava que estes convidados de honra não estivessem disponíveis para estar presentes, já que estavam mortos.

Há anfitriãs que adoram festas porque se comprazem em ser o centro das atenções. Gus, por outro lado, retirava um prazer supremo em criar um mundo festivo no qual todos tinham um lugar e onde acreditava que todos se sentiriam especiais.

– Deixem que eu preparo qualquer coisa – dizia Gus às filhas, às amigas das filhas, aos colegas, aos telespectadores. Adorava verdadeiramente a ideia de dispensar cuidados, de entreter e de alimentar. Especialmente os convidados que tinham dificuldade em se ambientarem no meio de uma multidão: era sempre a esses que Gus dedicava mais atenção.

Só havia um aniversário que Gus começava a cansar-se de organizar. A cansar-se, francamente, até de o celebrar. O seu. Porque em breve – 25 de Março – Augusta Adelaide Simpson faria cinquenta anos.

O problema, claro, era que não se sentia assim tão velha. Não, sentia-se mais como se tivesse vinte e cinco anos (ignorando,

como era frequente, o problema logístico de a filha mais velha, Aimee, ter vinte e sete e a mais nova, Sabrina, ter vinte e cinco). E, como tal, deu por si apanhada completamente desprevenida – genuinamente surpreendida ao somar os anos – ao descobrir que atingira a marca do meio século.

Meio século de Gus.

– Convém usarem o melhor xerez que puderem para fazer uma vinagreta – dissera ela num programa recente, antes de se aperceber de que o xerez era quase tão velho como ela.

– Eu podia ser engarrafada e posta na prateleira – acrescentara, a rir.

Mas um temor persistente tinha-se insinuado nela, o que lhe desagradava. Quarenta e seis, quarenta e sete, quarenta e oito, quarenta e nove até – todas estas festas tinham sido de arromba. Quando soprou as velas no bolo do ano anterior – um bolo de cenoura e gengibre com uma cobertura de queijo fresco e canela – e o seu produtor, Porter, gritou «No próximo ano é que vai ser!», ela rira-se juntamente com os convidados. E sentiu-se perfeitamente bem com isso. Sentiu mesmo. Não, a sério. Sentiu. Não tinha programado nenhuma sessão de *Botox*, não tinha começado a usar *écharpes* para esconder o pescoço. Ter cinquenta anos, disse ela a si mesma, não era nada do outro mundo. Até que acordou, uma manhã, e se apercebeu de que não tinha planeado nada. Ela, que nunca perdia a oportunidade de dar uma festa. E foi então que compreendeu que também não queria celebrar.

O problema, reflectiu uma manhã enquanto lavava o cabelo castanho alourado com champô colorante, começou a surgir a dada altura entre o trabalho sobre a programação do próximo ano e a notícia de que o CookingChannel estava a fazer cortes orçamentais e a encomendar menos episódios.

– Todos os canais por cabo estão a perder posição no mercado – tinha explicado Porter. – Vamos ter simplesmente de aguentar

a crise. – Ele trabalhava em televisão há muitos anos, mais do que Gus, e era um profissional de invejável sucesso, um negro no mundo muito branco da culinária televisiva. Circulavam até rumores de que ia ser nomeado director de programação. A confiança de Gus em Porter era absoluta.

Depois, o CookingChannel tinha contratado um consultor de imagem que informou Gus de que «depois de uma certa idade» algumas senhoras faziam bem em engordar um pouco para esticar a pele da cara. («Você é maravilhosamente esbelta, mas não fazia mal nenhum encher essas linhas, sabe», dissera o estilista com simpatia. «Há limites para o que uma boa luz pode fazer.») Finalmente, tinha-se encontrado com Sabrina, uma noite, para jantar e admirado o par da mesa em frente, uma bela rapariga de cabelo negro, com um vestido rosa cor de pastilha elástica, acompanhada por uma mulher mais velha, de expressão carregada, com cabelo castanho-claro penteado num corte à pajem, solto, pelos ombros, e um fato de calça e casaco de linho cru. Ficou surpreendida ao perceber que a parede à sua frente era espelhada e que a comensal carrancuda era ela própria. – Estás bem, mãe? – tinha perguntado Sabrina, fazendo sinal ao empregado para que trouxesse mais água. – Estás com um ar um pouco adoentado.

Gus já não era nova.

A princípio, pôs esta consciência de parte, juntamente com os sapatos brancos, depois do Dia do Trabalhador. Mas a verdade recusava-se a permanecer escondida, revelando-se quando detectava uma ruga em que nunca tinha reparado ou ouvia um estalido nos joelhos quando se baixava para retirar um prato do forno. Ou quando a sua subchefe de cozinha de longa data anunciou, no que pareceu uma maneira absolutamente inesperada, que se ia reformar. O que significava que tinha atingido a idade da reforma. Alarmante, quando se pensava que tinham passado doze longos anos desde que Gus tinha apresentado o seu primeiro programa no CookingChannel, *Alvorço ao Almoço*, em 1994; que a jovem mãe, apanhava o brilhante cabelo cor de caramelo no alto da cabeça, com madeixas a escapar, evitava aventais e criava agora pratos simples e deliciosos, era mãe de raparigas com empregos,

vidas e cozinhas próprios. Raparigas que, mais ou menos, se tinham tornado mulheres.

Não se podia dizer que fossem adultas. Não na verdadeira acepção da palavra. Afinal, com a idade de Sabrina já tinha tido duas filhas – para além de um marido e de um ano de aventura no Peace Corps. Aimee e Sabrina, por outro lado, estavam longe de ser auto-suficientes. Aimee parecia nunca ter ninguém de sério na sua vida e Sabrina mudava de namorado com as estações. No fundo, tinha graça como as crianças de doze anos de hoje eram muito mais sofisticadas do que quaisquer alunas do ensino preparatório de que Gus se recordava e, no entanto, as mulheres de vinte e cinco anos existiam num estado de adolescência suspensa. Agora preocupava-se mais com elas agora do que provavelmente alguma vez se tinha preocupado.

Assim, era bastante fácil seguir alegremente com a sua vida quotidiana e não pensar no seu envelhecimento pessoal. Mas, depois, pequenas coisas – uma palavra de um estranho, um relance para o espelho – começaram a ameaçar a sua imagem de fantasia. De súbito, relutantemente, um facto tornou-se claro.

Gus Simpson *ia* fazer cinquenta anos.

Não era, em si e por si mesmo, nenhum acontecimento extraordinário. Acontecia aos outros todos os dias. Evidentemente. Mas Gus partira despreocupadamente do princípio de que envelhecer não ia bem acontecer com ela. Afinal, era magra (mas não uma fanática do exercício), tinha uma carreira próspera, uma boa fatia de dinheiro no banco (bem gerido por David Fazio, um consultor financeiro de topo recomendado anos antes por Alan Holt), um roupeiro a transbordar de roupas caras – por amor de Deus, o visual de marca de Gus era um casaco ligeiro de seda confortável e elegante, sobre uma blusa macia, e calças largas de seda *georgette* – e um descapotável na garagem. Ouvia os Top 40. Usava uma câmara digital. Possuía um telemóvel incrivelmente pequeno. Sabia enviar mensagens de texto. Ainda se vestia a rigor no Dia das Bruxas para distribuir rebuçados. Não bastava para espantar a maturidade?

Fazer quarenta e nove anos tinha tido um não-sei-quê de jovial; os cinquenta davam-lhe a sensação de que tinha de comprar um par de sapatos ortopédicos.

– É absolutamente impossível saber como nos devemos comportar hoje em dia – disse ela ao produtor, Porter, que era alguns anos mais velho do que ela. – A minha mãe já era avó com esta idade. Mas agora há mulheres que ainda estão a ter filhos aos cinquenta anos... filhos, Porter!

– Queres ter um filho, Gus? – perguntou ele, em tom de brincadeira.

– Não! O que quero é perceber esta falta de correspondência entre um número numa folha de papel e o que sinto cá por dentro – disse Gus. – Sabes que as mulheres de *Os Trintões* têm agora cinquenta e tal anos? E ainda são novas. E a Michelle Pfeiffer? A Meryl Streep? A Jane Seymour? A Oprah? Dizem que os cinquenta são os novos trinta.

– Então não é problema – concluiu Porter. – Tens uma figura bestial.

– E, no entanto, é – admitiu Gus. – Tenho rugas. Rugas mesmo, não estou a falar dessas linhazinhas de que me queixava quando fiz quarenta anos. Porter, não imaginas como penso com afeição no dia em que fiz quarenta anos! Quer dizer, não me sai da cabeça. Como é que cheguei aqui?

– Para onde é que o tempo foi?

– Sem dúvida. Para onde é que o tempo *foi*? – perguntou Gus. – E quando é que carrego na tecla da pausa?

E assim, pensou consigo mesma, tinha sido natural atrasar-se na preparação da sua festa de aniversário. Tinha sido fácil ir simplesmente adiando. Noutro ano qualquer, teria começado a organizar a festa de anos logo a seguir ao Dia de Acção de Graças, começando por decidir o sabor do bolo, planeando a ementa, enviando convites formais pelo correio. (Não, Gus Simpson pura e simplesmente não apreciava a informalidade do convite electrónico, muito obrigada. Sabia que era a atenção ao pormenor que fazia os convidados sentirem-se bem-vindos.) Podia pegar numa peça ou num conceito – uma romã, uma orquídea, a cor roxa –

e fazer deles o tema sob o qual decorriam as celebrações. A sua capacidade para decorar e receber era de tal modo inata que assumia simplesmente que qualquer pessoa podia atirar salsa para um prato e dar-lhe melhor aspecto do que uma explosão de verde arbitrária.

Mas desta vez não; este ano não. De repente, o esforço parecia demasiado: Gus Simpson, uma das mais populares gurus da indústria de entretenimento televisivo, não queria dar uma festa. Aliás, teria preferido cancelar completamente o seu aniversário.

Deitou uma boa dose de café forte, com aroma de avelã, da sua grande cafeteira de êmbolo para uma colossal caneca às riscas azuis e brancas. Com cuidado, levou a bebida para o balcão de granito preto e cinzento do pequeno-almoço, empoleirando-se na cadeira alta azul-marinha. Bebeu um gole, sorvendo com algum ruído (já que não estava ninguém presente) para não queimar a língua e folheou o *New York Times*, tentando libertar-se do seu estado de espírito sombrio. Mas o seu hábito natural – era segunda-feira, o que significava a secção semanal sobre os *Media*, e ela adorava estar a par do que se passava no seu ramo – levou-a a um extenso artigo em lugar de destaque no jornal.

«Os Novos Rostos da Culinária Televisiva», leu Gus, sentindo um sopro de ansiedade no peito. «A comida é a nova moda e a última vaga de apresentadores de programas tem um aspecto tão delicioso como as suas criações culinárias.»

Gus cerrou os dentes, como fazia sempre que estava tensa, e estudou a grande fotografia com todas as estrelas em ascensão na culinária televisiva: havia esse *jovem chef* surfista que andava sempre de calções e mal tinha ar de andar na universidade, a *jovem* dona de casa do Midwest que só confeccionava pratos com um máximo de seis ingredientes e a *jovem* Miss Espanha que tinha transformado um programa de promoção das azeitonas do seu país numa prática de culto no YouTube. Em seguida, Gus leu que Miss Espanha criara o seu próprio programa de dez minutos na *web*, *Explosão de Sabores*, que também era descarregável em TiVo¹, e publicara um pequeno livro de receitas que tinha saído, semanas

¹ Aparelho de vídeo que permite gravar programas televisivos. (N. do E.)

antes, nos feriados. Já era um dos mais vendidos *on-line*. A história continuava na segunda página da secção onde havia uma fotografia da fabulosa Miss Espanha, de cabelo preto, com a coroa e um excesso de rímel, por cima de uma grande legenda: «Carmen Vega: De Rainha de Beleza a Rainha da Culinária.»

– Aposto que nem sabe cozinhar – anunciou Gus à caneca de café, preparada para fechar o jornal, enojada. Mas então uma frase familiar captou a sua atenção e ela deu por si a ler o texto cuidadosamente.

«Imaginem que só há um certo conjunto de ingredientes e que não é possível usar mais», diz Gus Simpson, a omnipresente apresentadora do programa do CookingChannel e estrela do conhecido Cozinhar com Gusto! numa entrevista recente em Every Day with Rachael Ray². «Mas não criamos todos a mesma coisa. Portanto, não tem realmente a ver com o que se põe num prato mas como se torna essa refeição saborosa. Não tem a ver com a maneira como é preparado mas com a sensação que temos ao comê-lo. A culinária, como a vida, não perde o interesse quando nos entregamos a experiências novas.»

E novos apresentadores parece ser a forma como a televisão por cabo espera fidelizar os telespectadores porque os níveis de audiência continuam a cair em todos os canais...

Blá-blá-blá, continuava o artigo. Não parava de falar destas vozes novas e empolgantes do mundo da culinária televisiva, todas aparentemente validadas pelo uso inteligente de citações já noticiadas de nada mais nada menos que Gus Simpson. Como odiava estes métodos! Ser entrevistada para um artigo – que tinha sido publicado há mais de um ano – e dar depois com essas mesmas palavras citadas nos artigos dos outros jornalistas sobre comida.

Lição aprendida: Nunca digas nada, bem-humorado ou cáus-tico, que não queiras ver papagueado até ao fim da tua vida.

Gus pensou em amarfanhar o jornal e atirá-lo para o balde do lixo, mas não estava ninguém presente para ver esse gesto teatral e ela achava sempre que as atitudes pomposas eram uma perda

² Apresentadora de programas de culinária televisivos. (N. do E.)

de energia quando não havia testemunhas. A televisão tinha-a ensinado bem. Assim, suspirou e trocou o seu lugar ao balcão do pequeno-almoço por um ambiente mais confortável. Enxotou a gata branca, *Sal*, de uma fofo poltrona de orelhas, junto da janela de ressalto, e ficou a vê-la afastar-se para se deitar num raio de sol com *Pimenta*, que era preto e tinha uma atitude algo sarcástica.

Depois, de café na mão, instalou-se sobre a resistente sarja branca (porque Gus depositava uma fé enorme na capacidade dos seus convidados para não entornarem nada e no poder do *Scotchgard* se entornassem). A ampla cozinha era um espaço em que Gus experimentava uma forte sensação de aconchego caseiro e onde se entregava às suas reflexões mais importantes, fossem elas a invenção de novas receitas ou a ordenação das vidas incessantemente complicadas das filhas. A poltrona de orelhas mais próxima da porta de sacada, há muito apelidada de o seu «lugar de meditação» por Aimee, estava perfeitamente posicionada para proporcionar uma vista do pátio de laje. Podia usufruir das cores do seu divinal jardim quando chegava a Primavera – neste momento, com alguma neve e lama remanescentes de um Inverno de Westchester – assim como uma panorâmica geral da sua cintilante cozinha. Sentada nesta cadeira, tinha o que sempre chamava a «perspectiva do telespectador», porque era assim que a sua casa aparecia na televisão.

Era uma cozinha de sonho, com um fogão *Aga* azul forte, uma zona em mármore para preparar bolos, os tais balcões de granito, um lava-loiça rústico branco, duplo e fundo, os armários artisticamente desiguais, concebidos para parecerem peças de mobília acrescentadas ao longo do tempo (presumindo que todas as feiras da ladra e lojas de antiguidades teriam milagrosamente peças de madeira exactamente com os mesmos pés e remates superiores) e uma bateria de arcas congeladoras *Sub-Zero* e frigoríficos ao longo de uma parede. *A pièce de résistance*? A enorme ilha rectangular, com uma placa embutida de oito bicos e protector alto contra salpicos, um amplo espaço de trabalho e um balcão de pequeno-almoço de um lado (se bem que não directamente em frente da placa do fogão, naturalmente, onde podia arruinar o plano da câmara). A ilha era a parte da sua cozinha mais conhecida dos telespectadores.

Tinha sido uma excelente ideia ter sugerido ser filmada em casa quando começou o terceiro programa para o CookingChannel, *Cozinhar com Gusto!*, em 1999. Poupava sem dúvida tempo em deslocações e, muito mais importante, as renovações da cozinha transformaram-se numa coisa supérflua. E Gus, apesar de todo o seu êxito profissional, era amiga de amear dinheiro. Para uma crise. Para a reforma. E esse momento sempre tinha parecido muito, muito distante devido ao facto de ela ser espantosa, eterna e divinalmente jovem. Um dia futuro que valia a pena planear mas cuja chegada não parecia iminente. Andava demasiado ocupada.

Nos primeiros tempos da sua carreira na televisão, muito antes dos cheques chorudos e dos contratos de *merchandising*, Gus apresentava um programa de meia hora, chamado *Alvorço ao Almoço*, baseado no menu do seu restaurante *gourmet*, The Luncheonette. Era filmado num estúdio em Manhattan e ela apanhava o comboio para a pequena casa de dois quartos que partilhava com Aimee e Sabrina. Era o mesmo *bungalow* compacto em Westchester para onde tinha ido inicialmente viver com Christopher, depois de regressarem do estrangeiro, do serviço no Peace Corps, e terem desistido de viver em Manhattan, no tempo em que ainda não se tinham casado. Em que ele elogiava entusiasticamente todos os jantares que ela esturricava e ela lhe preparava a merenda com pequenas mensagens *sexy* metidas lá dentro. Quando eram demasiado imaturos, em termos de vida e casamento, para compreenderem os maus tempos que podiam estar para vir. Que viriam.